



Revista Pai Inácio de Literatura e Arte



Universidade Estadual de Feira de Santana
Campus Avançado da Chapada Diamantina

Poema

SAGA DAS ÁGUAS

©ARTUR ANDRADE SOARES (LENÇÓIS-BA)

Livre
Ao sabor do rio
Ouvi alguém que me olhava e sorria
Bailando num puro ar
Um som doce e macio
Daquele lugar que só nos alivia

De lá da serra desce uma nascente
Margeada de mata verde
Ela vem numa corrente
Geradora de força vida e energia
O ouro líquido transparente
Espelho astral

Reluz o 'órum' em seu azul
Beleza e cura natural
Encanta a quem tem contato com tua magia

Na Cachoeira derrama a fé
É mãe Oxum que reina na água
É Olorum quem reina no amor

Sobre a dureza da pedra
A água singela cria fissuras
Rompendo o entre meio da serra
Rios esculpindo rochas em curvas
O som é da água que acalma

E encontra na margem berço ancestral
Acalenta em carícias a terra
Que abraça as raízes em seu ritual

Na leveza a ponta do galho
Conduz com destreza a seiva matriz
E revela a beleza da cor
Que a terra elevou ao verde matiz

Vibrando em tons verdejantes
Folhas reverenciam o calor do azul
E se erguem de modo elegante
ao longo do leito do Paraguaçu

É a doçura de logun Edé
Irradia da fonte
Fura pedra que esconde
O tesouro de quem tiver fé

Na grota submersa
Da profunda e escura gruta
Quebrando o silêncio em inércia
Gotas cintilam uma áurea pura

Terra argilosa se faz lama
E quando calcária, escultura

Se estalando contra o chão
Que se ergue ao som de 'cliques'
E estala quando descola do teto
Das esguias estalagmites

Hidrata o seio da rocha
E em sua fresta se faz nascente
Cura, limpa e regenera
A espera penosa de todo ente

Sublimada nos desejos
Quando em relampejos o céu anuncia
A chegada eletrizante
Da mãe de todas as bacias
Sutilmente percorre
As barreiras duras de cimento
E se permite servir
Às turbinas, postes e encanamentos

Para que os cidadãos
Que não ajoelham aos pés de uma cachoeira
Tenham suas mãos banhadas
Pela rainha de toda torneira.

Água que tu bebes diz de onde vem
-O rio pra beber.
Água que tu limpas diz pra onde vai
-O rio pra limpar.
Água que transborda me diga por quê
-O rio quer encher.
Depois da descarga diz o que é que tem
-O rio tem pra quê ?
Nadar
Na enxurrada
De cachoeiras na escada
Na cidade é enxurrada, a chuva varre e o esgoto alaga
E no barraco de papel, da goteira vê-se o céu

Seu João que beira o barro cru
De 'riba' da ribanceira
O que será de João ?
Se não acaba este dilúvio
-Ô mãe do céu vem Amparar
(...)

Graças à Deus o sol abriu
Quem vai lhe devolver
O que levou o rio?

(...)

A chuva chega no sertão
Hora do barro cru brotar: milho e limão
Feijão de corda, aipim
Pro animal tem capim, coentro e alecrim
Roseira no jardim

A mata inteira se alegrou
A bica de novo jorrou
Há um ribeirão pra se banhar
No leito a roupa a quorar
Alegria de lavadeira
a trouxe farta a feira feita
A meninada, a brincadeira
A tarde lá na gameleira
Da nascente à foz meu viver
Água vem do céu, água dentro de você
Da nascente à foz seu viver
Chuva vem de nós, chova dentro de você
() até no mar um dia...desaguar.

Lavra-me a cultura
Numa betea diamantina
Peneira tua história
Sem tapar a luz divina
Que o receio não me alcança
Enquanto a fé nos aproxima
Dos lábios imaculados
Palavra afáveis como pétalas finas

Lavra-me a cultura
Pela mão das lavadeira
O açoite sobre a pedra dura
Da veste que agora cheira
Palmas de mãos da labuta
Lisas como escorregadeira
Pele que não enruga
Mesmo após anos de gameleira

A história é bem cumprida
Não tem começo nem tem fim
Cada um recebe vida
Sem saber onde vai vir

Nasce rico, nasce pobre
Nasce com sorte, ou pra lutar
Na lida da sobrevivência
Entender o seu lugar

Se é água na fonte pura
Se é um rio na foz do mar
Se a correnteza te segura
ou se a maré vai te levar

A água de uma torneira
Um dia desagua no mar
Depois evapora para o céu
E a nuvem traz de lá pra cá

Tem mistério a natureza
Neste seu desenrolar
E a arte da capoeira
Tem muito a nos ensinar
Tem valor quem tem história

Boa memória pra guardar
Cada fato é um sentimento
Cada lembrança é um lugar
Um passado é muita gente
Gente além da gota do mar
Meu passado é um rio escuro
Meu dever é garimpar

Jóia de bem precioso
Não cabe em nem um colar
Tesouro cravado no peito
De onde ninguém vai tirar

Riqueza verdadeira é tempo
E ele é melhor não apressar
Pois a fundura de uma lágrima
Se vê na ruga desse olhar

...camaradinho, É viva meu Deus!



ARTUR DE ANDRADE SOARES

Data de nascimento: 1990

Naturalidade: Salvador-BA

Residência: Lençóis/Salvador-BA

Formação: Bacharel em Artes Plásticas pela
Universidade Federal da Bahia.

Atuação profissional: Professor de Xilogravura

do Museu de Arte Moderna da Bahia-MAM. Poeta, músico e capoeirista.

Experiências literárias e artísticas: Começou a escrever os pensamentos aos 12 anos; toca violão e o pífano para criar suas músicas; compositor de temas instrumentais, canções (samba, reggae, ladainha e cantoria). Escreve crônicas e declama poesia nas praças, galerias de arte e transporte coletivo.